



DEUSA VIVA

Uma publicação do **Círculo de Mulheres da Teia de Thea**
Lua Cheia, Fevereiro de 2013, nº 162



NUT, A DEUSA EGÍPCIA REGENTE DO CÉU

“Nut, minha divina mãe, estenda teus braços sobre mim, afastando as sombras e me protegendo enquanto brilharem no céu as imorredouras estrelas”.

Inscrição sobre um peitoral encontrado no túmulo de Tutankhamon junto à sua múmia.

“Eu sou Nut e vou abraçar e proteger aqueles que vierem a mim, afastando todos os males”.

Texto inscrito sobre a tampa dos sarcófagos

 Mirella Faur



No começo dos tempos, quando nada ainda havia sido criado, existia somente uma massa aquosa que cobria o universo. O deus Khepera (o precursor de Ra, representado como um escaravelho e simbolizando o sol matutino) gerou-se a partir desta matéria primordial ao dizer seu próprio nome. Em seguida ele concebeu duas outras deidades, cuspiendo-as de sua boca: o deus Shu, personificando o ar e a deusa Tefnut, simbolizando o orvalho. Ambos, por sua vez, geraram duas crianças gêmeas: Geb, o deus da terra, e Nut, deusa do céu. Com a criação das primeiras quatro divindades (Shu, Tefnut, Geb e Nut), estabeleceu-se o Cosmos. Geb e Nut deram à luz quatro crianças: Osiris e Ísis, Seth e Néftis cuja missão foi fazer a mediação entre os seres humanos e o Cosmos. Esses nove deuses compunham a enéade (palavra de origem grega designando um agrupamento de nove divindades, geralmente ligadas entre si por laços familiares) de Heliópolis, a mais importante congregação de deuses do panteão egípcio.

Existem várias versões do mito de criação egípcio e em todas Nut desempenha um papel importante. O mito que pertencia ao reino baixo do Egito afirmava que no começo dos tempos existia apenas o oceano, do qual apareceu de repente um ovo flutuando na sua superfície e do qual emergiu Ra, o deus solar. Ele gerou das suas secreções quatro filhos: os deuses Shu e Geb e as deusas Tefnut e Nut. Shu e Nut formaram a atmosfera, que pairava sobre Geb, a terra e Nut se elevou formando o céu, enquanto Ra

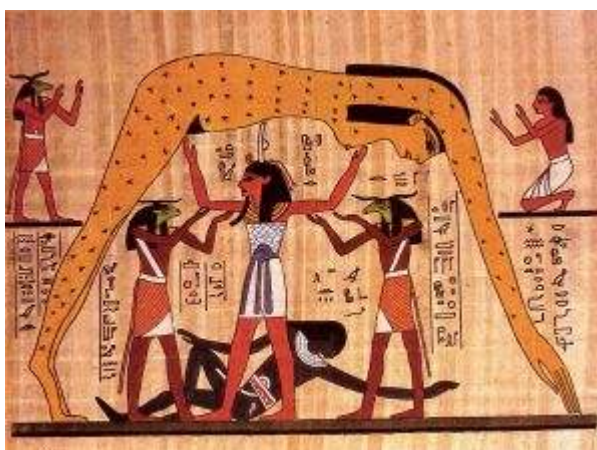


era o governante supremo, regendo sobre o todo e todos. Geb e Nut tiveram dois filhos: Set e Osiris e duas filhas, Ísis e Néftis. Com o passar do tempo Ra envelheceu e cedeu seu lugar a Osiris, que passou a reger o mundo auxiliado por Ísis, sua irmã e esposa. Set odiava seu irmão Osiris e acabou matando-o; a partir deste evento, Osiris passou a personificar a bondade e Seth a maldade, estabelecendo assim os dois polos da moralidade. Ísis usou poderosas magias e ressuscitou Osiris, que se tornou "Senhor do Mundo Subterrâneo" e o rei dos mortos. O filho deles - Horus venceu Seth em uma grande batalha e assumiu o seu lugar como "Senhor da Terra".

O mito do reino alto do Egito difere ligeiramente, descrevendo a existência de Nun, o oceano primordial, que continha em si os começos de tudo aquilo que poderia ser criado. Ra surgiu do oceano e gerou de forma partenogenética do seu esperma Shu (deus do ar) e Tefnut (a deusa da umidade); este casal gerou os gêmeos Nut, a deusa do céu e Geb, o deus da Terra. No universo físico assim criado, a humanidade surgiu das lágrimas de Ra. Geb e Nut nasceram abraçados, mas como Ra desaprovava este incesto, ordenou a Shu para se colocar entre eles, separando assim o céu da terra. Porém, eles permanecerem juntos, mesmo sem permissão, fazendo amor em um abraço ininterrupto. Ra enfurecido chamou Shu pedindo que os separasse em definitivo; Shu interveio e ergueu Nut para o alto segurando-a com seus braços e assim ela passou a ser a abóbada estrelada do céu,

deixando Geb prostrado abaixo dela. Ra, sem saber que Nut estava grávida, a amaldiçoou para que ela não parisse em nenhum dia e em nenhum ano. Nut desesperada foi procurar ajuda com seu amigo Thoth, o deus da sabedoria, que também era filho de Ra. Thoth conseguiu achar um estratagem para contornar a maldição. Primeiro ele foi visitar Khonsu, o deus lunar e o desafiou para um jogo de damas; quanto mais o jogo durava, maiores eram as apostas. No final o vencedor foi Thoth e a aposta de Khonsu tinha sido uma quantidade de luz, suficiente para criar cinco dias adicionais. Thoth adicionou esses dias a mais no final do velho ano e no início do novo, dias estes que não faziam parte de nenhum dia e de nenhum ano. Graças à sabedoria de Thoth, a maldição de Ra foi anulada e Nut pariu seus filhos naqueles cinco dias antes inexistentes.

Em outra versão do mito Ra, o deus solar pediu a Nut para elevá-lo ao céu distante, tirando-o do mundo telúrico que ele detestava. Nut elevou Ra nas suas costas, mas ficou tonta com a altura e quase ia deixar Ra cair, se não fosse pelo suporte de quatro deuses que firmaram seus pés e Shu sustentou o arco do seu corpo. Estes deuses se tornaram os pilares celestes, Nut sendo o firmamento ao qual Ra prendeu as estrelas. O mito do deus solar Ra e da sua mãe Nut foi mais marcante e prolongado no baixo do Nilo, na região do delta, pois naquela latitude a visão da Via Láctea se assemelhava à imagem celeste de Nut com o seu corpo arqueado sobre a terra.



Os egípcios acreditavam que nos tempos pré-históricos o país tinha sido governado por deuses, que estavam fisicamente presentes. Algumas listas bem antigas de reis apresentam o terceiro faraó divino como tendo sido Geb. Rá e Shu governaram antes dele e Osiris, depois. O deus-terra teria defendido o direito de Hórus de ocupar o trono quando da luta deste contra Seth e, por isso, era cultuado como divindade protetora do faraó, que era conhecido como o Herdeiro de Geb. Em homenagem à atuação de Geb como um grande rei e pela admiração que tinha alcançado como soberano, o trono do faraó era honrado como O Trono de Geb.

Representações de Nut

Nut, Nuit, Nith ou Neit representava o céu, simbolizado pelo seu corpo e nas suas imagens aparecia como uma mulher com pele negra, dourada ou azulada, com cabelos trançados e sua vestimenta ornada por estrelas. Outra imagem a representava como uma belíssima mulher nua, carregando uma vasilha com água sobre sua cabeça, uma alusão ao seu dom de verter a chuva sobre a terra e ao fato que das suas lágrimas teria nascido o rio Nilo. Muitas vezes aparecia sob a forma de uma vaca (imagem comum a outras deusas) ou emergindo do tronco de uma árvore e oferecendo uma bandeja com água e pão aos falecidos. Nut representava a passagem das divindades pré-dinásticas - que expressavam os poderes divinos em forma de animais - para as divindades cosmogônicas. Porém a sua imagem mais frequente era como abóbada celeste, o seu corpo alongado, coberto por estrelas, se estendendo sobre a terra, com a Lua sobre seu ventre enquanto a Via Láctea abrangia os seus seios. Era a representação mítica do abraço da deusa do céu sobre Geb sobre a Terra, uma metáfora do seu eterno amor e desejo pela união. O mito em que o céu e a terra são casados, e depois separados, existe como um tema universal em diversas culturas com uma larga gama de variações.

Do ponto de vista matrifocal, Nut é a toda abrangente força feminina do oceano primordial, o fundamento da criação; ela guarda no seu corpo o Sol, a Lua e as estrelas como seus filhos transitórios e efêmeros, pois eles nascem e desaparecem com as marés do seu corpo. Do ponto de vista patriarcal - formulado pelos sacerdotes de Ra - o sol torna-se o foco, o ser primário que viaja no seu barco sobre o abismo aquoso do céu, descrito como o corpo da vaca celeste que o sustenta, mas não o gera. Assim Nut não é mais a mãe de Ra, mas sua neta, uma inversão do papel tradicional. As nuances avermelhadas do alvorecer não mais representam o sangue puerperal da mãe, mas o da serpente da escuridão, morta pelo Sol. No entanto, independente da forma como o Sol era descrito, Nut preserva seu papel central como o céu noturno, a mãe cuidadora dos mortos, que abraça e cuida das almas à espera do seu renascimento.

A "gruta secreta" que dava à luz ao sol

Vários mitos descrevem a trajetória do Sol no céu do leste ao oeste. De acordo com uma lenda egípcia, todas as noites, quando o Sol desaparecia no horizonte, Nut engolia o astro rei, que percorria o seu corpo durante a noite, descansando no seu ventre ("a gruta secreta") e o dava à luz todas as manhãs como radiante disco solar. A manhã simbolizava a renovação de toda a criação, uma analogia com o rejuvenescimento e a ressurreição dos mortos. As imagens do divino feminino reproduzem a experiência simultânea da união e separação. No pôr do sol no oeste, a Deusa é a mulher que recebe a semente de luz, que viaja pelo seu corpo e gera o deus no seu ventre. No leste, no alvorecer, a deusa é Mãe, que dá à luz seu filho

e se separam depois. Quando a mãe se une ao pai (Nut com Geb ou Osiris e Ísis) os opostos se unem, a unidade abrange o Todo formado pela combinação da dualidade. O mistério do nascimento é um processo de fusão, gestação, união e individualização, tanto no macro como no microcosmo.

Nut era uma deusa celestial, mas seu culto era associado ao contexto funerário devido à sua conexão com o renascimento do Sol e com a crença egípcia na ressurreição dos mortos. Acreditava-se que ela estendia a mão aos que tinham morrido, consolando-os e os colocando como estrelas para iluminar o seu corpo. Nas ilustrações nos tetos de vários túmulos e templos, no Vale dos Reis, o corpo de Nut - cujas extremidades simbolizavam os pontos cardeais - aparecia arqueado sobre a terra, abraçando o seu irmão e esposo Geb. Segundo os "Textos das Pirâmides", a sua função era de "cobrir o corpo do deus", de tal modo que no interior das tampas dos sarcófagos e na parte interna da base, Nut era representada com uma imagem virada para baixo, a outra para cima, simbolizando a recepção dos defuntos com o seu abraço materno, cobrindo-os para sua proteção e auxiliando o seu renascimento. Em todo o Egito foram encontradas imagens do corpo nu da Mãe Celeste, pintadas nos tetos dos templos e dos sarcófagos em azul anil ou decoradas com lápis lazuli. Às vezes seu corpo é dourado com estrelas brilhando sobre ele representando seus filhos, as almas dos mortos ou daqueles que ainda não nasceram. Outras imagens a mostram engolindo - na forma de um globo dourado - a semente do Sol morrendo ao anoitecer, que renasce do corpo materno no alvorecer do outro dia com a ajuda de Khepera, o escaravelho dourado. A celebração do nascimento do deus solar honrava também a Grande Mãe como "Vaca Celeste", de cujas tetas nascia a Via Láctea.

A terra - casa de Geb

Geb desempenhava um papel de destaque na mitologia egípcia e era citado em vários textos como Seb, Keb, Kebb, Qeb ou Gebb, sendo originário de uma linhagem antiga de deuses e representando a terra. Era descrito como um homem barbudo, sua cabeça sustentando um ganso ou uma coroa branca com adornos, conhecida por "Coroa Ritual" (atef). Também podia ser retratado simplesmente como um ganso, palavra



cuja grafia em egípcio também era geb, esta ave sendo seu símbolo, seu animal sagrado e que fazia parte da grafia de seu nome em hieróglifos. Por essa associação com o ganso ele é denominado o “Grande Cacarejador” e sua filha Ísis às vezes recebia o epíteto de “Ovo do Ganso”. Geralmente aparecia como um homem com a pele verde ou preta, a cor das coisas vivas, da vegetação e do lodo fértil do Nilo, respectivamente. Frequentemente era desenhado deitado de lado sobre a terra, apoiado sobre seu cotovelo ou com os joelhos dobrados e elevados tocando o céu, com plantas brotando de seu corpo. Nesta imagem dizia-se que Geb representava os vales e colinas do país, enquanto o pai Shu segurava o corpo de Nut com seus braços elevados, da mesma forma que o ar segurava o céu. Este posicionamento tem uma grande importância mítica, pois quando Shu elevou Nut (o céu) acima de Geb (a terra) ele colocou um fim ao caos; se ele deixasse de segurar Nut, o mundo voltaria ao caos primordial. A terra era chamada de A Casa de Geb, assim como o ar era chamado de A Casa de Shu, e o céu A Casa de Nut. Outra crença era a de que ele era a divindade supridora dos minerais e das pedras preciosas e, por isso, também era o deus das minas. Em síntese, era um deus provedor de tudo: pedras, alimentos e plantas que cresciam às margens do Nilo.

A cidade de Heliópolis, situada poucos quilômetros a nordeste do atual Cairo, era tida como o local do nascimento dos nove deuses e onde realmente se iniciou a obra da criação do mundo. Diversos papiros ilustram o primeiro ato da criação ocorrido quando o deus-Sol apareceu no céu pela primeira vez e iluminou a terra com seus raios. Em uma ilustração de um papiro do Livro dos Mortos datado da XXI dinastia (c. 1070 a 945 a.C.) Geb aparece deitado sobre o solo com o pênis ereto, como se tentasse manter relações sexuais com Nut - para enfatizar sua característica de deus da fertilidade -, com uma das mãos voltadas para o chão e a outra estendida em direção ao céu. Um dos joelhos geralmente está flexionado, bem como um dos cotovelos, simbolizando as montanhas e vales da terra. As montanhas eram consideradas como sendo seus ossos, ou o resultado dos seus esforços infrutíferos de unir-se à deusa Nut.

Em hinos e outras composições o deus Geb é denominado de erpa, ou seja, pai ou chefe hereditário dos deuses, numa alusão aos seus quatro filhos. Originalmente deus da terra



e da fertilidade, mais tarde Geb passou a ser uma divindade dos mortos, já que é no seio da terra que os mortos são depositados. Nesse sentido ele desempenha papel muito importante no Livro dos mortos onde aparece como um dos deuses que assistem à pesagem do coração do defunto no “Saguão das Duas Verdades”. As pessoas com integridade moral, conhecedoras das palavras mágicas necessárias, eram capazes de se evadir da terra e Geb as guiava para o céu, dando-lhes alimento e bebida. Os maus, entretanto, seriam presas fáceis de Geb, que os aprisionava em seu próprio corpo — a terra. Na tampa dos ataúdes, Geb era representado embaixo e Nut acima, de maneira que o defunto ficava contido entre as duas divindades.

Geb tornou-se um rei poderoso e ganhou o título exclusivo de Herdeiro dos Deuses. Não existia um distrito ou cidade dedicada especificamente a essa divindade, nem se sabia em que localidade ela foi cultuada pela primeira vez. Sabe-se, entretanto, que uma extensão do templo em Apolinópolis Magna foi dedicada a esse deus e que um dos nomes da cidade de Dendera era a Casa dos filhos de Geb. Mas o seu principal centro de culto parece ter sido Heliópolis, onde ele e sua esposa Nut produziram o “Grande Ovo” do qual se originou o deus-Sol na forma de um pássaro conhecido pelos egípcios como Ave Benu e pelos gregos como Fênix. O ovo sempre foi, para os antigos egípcios, um símbolo de renovação, simbolismo que até hoje persiste por ocasião da celebração do Sabbat celta Ostara e da páscoa cristã.

Com o passar do tempo a influência de Nut cresceu e ela passou a personificar não somente o céu diurno, mas o firmamento inteiro e tudo o que era contido entre o nascer e o pôr do sol. Como deusa do período histórico mais recente do Egito, Nut absorveu uma variedade dos atributos das deusas mais antigas, incluindo os da deusa Hathor, quando era representada por uma belíssima mulher, com o disco solar adornando sua cabeça. Invocada como “A Grande protetora, O horizonte infinito ou A Mãe dos deuses”, Nut era festejada no “Festival das Luzes”; nos seus inúmeros templos serviam apenas mulheres, que cuidavam dos seus altares e rituais, na esperança de que após sua morte iam brilhar como “estrelas no corpo da Deusa celeste”. Mesmo com a diminuição do poder divino feminino nas dinastias mais recentes, Nut continuou a ser reverenciada, principalmente devido à sua importância nos ritos funerários e nas representações das tampas dos sarcófagos, tanto dos reis, quanto das pessoas humildes, assegurando assim a sua proteção após a morte e a certeza do renascimento.

“Grande Deusa, Tu que te tornaste céu, Tu és poderosa e forte, bela e bondosa e a própria Terra se prosterna aos Teus pés. Tu abranges toda a criação nos Teus reluzentes braços e recebes as almas, tornando-as estrelas que embelezam a vastidão do Teu corpo”.





Mãe Terra

por Helena Maltez*

Gratidão



Passo o dia procurando prá lá e prá cá, rodando como barata tonta pela casa, procurando anotações, lendo trechos de livros, textos, artigos e finalmente, já de madrugada, vou para o quintal em busca de inspiração para escrever este artigo. Adentro um quintal totalmente diverso daquele que encontrei há pouco, no meio da tarde. Outros sons, outros movimentos. O ruído dos cupins trabalhando, um farfalhar rápido de folhas que denuncia a passagem de algum animal, ruídos leves de bichinhos diversos e ocultos. Aves, répteis, insetos? Penumbras, sombras, luzes de lâmpadas de postes atravessando os espaços há poucas horas ocupados pelos raios do sol. Aos poucos, meus olhos se acostumam com as cores da noite e os vultos começam a se tornar familiares.

Sento-me em um dos cantinhos mais aconchegantes do quintal, sob o enorme abacateiro. Ao lado, a jabuticabeira exibe na penumbra recortada por rajadas de luz sintética os seus galhos tortuosos que se

entrelaçam em um balé em câmera lentíssima, invisível à maior parte dos olhos humanos acostumados com a alta velocidade da vida moderna. Olho para cima e percebo que as folhas do guapuruvu estão todas fechadinhas deixando a luz da lua chegar até o cafeeiro que se encontra logo abaixo, como persianas abertas para deixar a luz entrar na casa. Fantasio que o guapuruvu fecha suas folhinhas só para presentear o cafezinho com um banho de luar.

Fico esperando a inspiração chegar... e nada. Resolvo caminhar, lentamente, observando, procurando pistas e dicas.

Encontro uma mudinha pequenina de cupuaçu que plantei há cerca de 1 mês. Ela começou a lançar folhas novas, peludas, vermelhas. Sinal de que está feliz naquele lugar. Meu coração se alegra e se enche de amor. Olho em volta. No raio de 3 metros de onde estou, olho em todas as direções e conto 34 diferentes

espécies. As que consigo ver naquela meia luz. Algumas com vários representantes. Todas ali ao meu redor, ao alcance dos meus olhos, da minha voz e da minha intenção. E me sinto inteira gratidão. Conheço cada um desses seres. Alguns já estavam ali quando cheguei, outros chegaram trazidos pelo vento ou pelos passarinhos, mas grande parte foi plantada por mim. Lembro das sementes que lancei e não germinaram, das mudas que plantei e morreram, das árvores que participaram dos meus experimentos de poda e não sobreviveram. Logo ali, um pequeno açaizeiro nascido de sementes presenteadas por amigo querido lança dois perfilhos, dois brotinhos laterais que formarão a touceira. Ao seu lado, um ingá de metro que pudei no último manejo, feito na colheita dos frutos suculentos com gosto de infância. O chão ao redor todo coberto com a generosa massa resultante desse manejo. Atrás de mim, pendura-se um maracujá quase maduro. O último desse pé. Acima, o majestoso ipê roxo, agora todo folhoso, cuida de todos nós aqui embaixo. Agarrada ao seu tronco, uma orquídea abriu, nesta semana, 4 flores que recebem os visitantes na entrada no nosso lar...

Percebo o resultado do manejo que fiz nesse lugar há poucos dias. O jardim todo responde com beleza ao cuidado que lhe dediquei. As formas harmônicas, as folhas reluzentes, as cores, a diversidade de tamanhos, arquiteturas, a beleza de cada uma daquelas plantas, tão diferentes uma das outras, e todas igualmente belas. Sinto-me como quando estamos em uma festa cheia de amigos queridos. Sinto-me rodeada de vida. Imagino a vida existente sob a

serapilheira, os bichinhos todos trabalhando incansavelmente para adubar meu jardim. E sinto a gratidão invadir meu ser. Agradeço a companhia, os aprendizados, a beleza e a abundância. Declaro o meu amor. E quanto mais declaro meu amor, maior a intimidade que nos une. E a intimidade amplifica o meu amor.

Meu quintal é como uma criança pequena. Se não lhe dou atenção, ele fica com cara de abandonado, com excessos aqui e faltas ali, coisas secas por cima de coisas vivas, uma bagunça aos sentidos, ninhos de vespas que se formam aproveitando minha ausência. Ao contrário, se lhe dou atenção, mesmo que não seja o tanto de tempo que ambos gostaríamos, mesmo que eu não dê conta de manejar o quintal inteiro; todo ele desabrocha, fica lindo e declara seu amor por mim em beleza explícita. Quando estou inteira, quando me entrego à nossa experiência de interação, quando ouço, olho, observo, converso, presto atenção... meu quintal, assim como uma criança manhosa, deixa de gemer. Ao contrário, sorri e fica colorido. Depois de algum tempo distante, voltei a dedicar algumas horas diárias ao cuidado com o quintal. E lindo, ele me agradece. Sinto vontade de filmá-lo novamente, de mostrar os novos habitantes, novos ângulos, novos pontos de vista. Sinto-me invadida pela inspiração e imagino o filme que acontecerá. Não sei se a experiência rendeu um texto, mas certamente resultará em um filme!



*Helena Maltez é jardineira agroflorestal e mantém o blog <http://www.buniting.blogspot.com/>. Também recebeu o Prêmio Tuxaua Cultura Viva do Ministério da Cultura.

Próximos rituais



Celebração do Equinócio:
Início do Ano Novo Zodiacal
Data: 20 de março de 2013 às 20h
Aberta a homens e mulheres



Plenilúnio: Celebração da Deusa brasileira Cy
Data: 25 de abril de 2013 às 20h
Somente para mulheres



Plenilúnio: Celebração da Deusa hindu da abundância Gauri
Data: 27 de março de 2013 às 20h
Somente para mulheres



Celebração do Beltane: O Casamento Sagrado
Data: 30 de abril de 2013 às 20h
Aberta a homens e mulheres

Os rituais da Teia de Thea acontecem na UNIPAZ - Brasília DF - Energia de troca: R\$ 15,00

Workshop Dançando as Runas traz a força da tradição nórdica e a magia das danças circulares

por Cris Madeira

Nos dias 2 e 3 de março, as sacerdotisas da Teia de Thea Nane Silva e Mônica Fonseca conduzirão um mergulho no mundo mágico das runas por meio da dança. Trata-se do Workshop *Dançando as Runas*, que ocorrerá no espaço OMTARE de danças circulares e sagradas, em Brasília-DF, e é aberto a homens e mulheres.

As runas são símbolos de origem nórdica que representam arquétipos do nosso ser ligados às forças da natureza e do universo. A conexão com as runas nos permite acessar diferentes portais e dimensões do nosso psiquismo, ajudando-nos a trabalhar questões do nível físico, mental e espiritual, como a energia e a força vital do nosso corpo, os mistérios dos ciclos da natureza e do ser humano, a inspiração, a oração, riqueza e muitos outros aspectos. Segundo Nane, as runas por si só nos proporcionam um mergulho no inconsciente e no auto-conhecimento, pois iluminam a mente e expandem a consciência.

O *workshop* é resultado de três anos de conexão de Mônica Fonseca com esses arquétipos. A cada reunião de seu grupo de estudos da Teia de Thea, Mônica se conectava previamente com as runas que seriam estudadas, criava uma coreografia e a levava para ser dançada durante o encontro. As coreografias envolvem a *Stadha*, que é a postura mágica que traz a forma de cada runa. E também as músicas selecionadas para cada dança são um deleite à parte. “Além de alegres, são uma forma de unir a tradição nórdica, que nos traz força, com a leveza e a beleza das danças circulares”, explica Nane, considerando que Mônica “usa a arte com muita propriedade para se conectar com o sagrado”.

Não é preciso ser iniciado nas runas ou conhecê-las para participar do *workshop*, pois ao longo do encontro, Nane explicará sobre cada runa e seus arquétipos, permitindo que os participantes as conheçam e se conectem com elas. Serão compartilhadas 11 músicas que dançam a magia de 24 runas.

Mônica, que estuda música e focaliza danças circulares há dez anos, conta que o processo criativo foi bastante curioso. Primeiro ela ganhou de uma amiga uma coleção de músicas escandinavas e, a medida que começava a ler sobre cada runa, as músicas da coleção iam a cada mês se apresentando a ela, de forma natural e totalmente ligadas à conexão que ela estava fazendo. “Era engraçado porque eu escutava as músicas de



forma aleatória, quando estava dirigindo ou em outras atividades, e de repente eu escutava uma música e sentia que ela tinha tudo a ver. Depois eu buscava o significado da letra daquela canção e era aí que tudo se confirmava”, disse Mônica.

Para Mônica, as runas significaram o mergulho em um mundo profundamente mágico e transformador. “É uma conexão que nunca perderei. E a oportunidade de ver outras pessoas dançando e expandindo essa conexão é linda demais”, afirma.

Workshop *Dançando as Runas*

Data: Dia 2 de março de 2013 (sábado), das 9h às 12h30; de 14h30 às 18h; e

Dia 3 de março de 2013 (domingo), de 9h às 12h30.

Valor: R\$ 250,00 – apostila e Cd inclusos

Inscrições: até 28 de fevereiro pelos telefones (61) 9602.7126 e (61) 9677.9453

Vagas Limitadas!

Local: OMTARE Danças Circulares e Sagradas
W3 Sul Qd. 506 Bloco “A” Entrada 19 Sala 102 –
Brasília-DF

Para saber mais sobre as runas, recomendamos os livros de Mirella Faur “*Mistérios Nórdicos – Deuses. Runas. Magias. Rituais*”, da Editora Pensamento; e “*Ragnarök: o Crepúsculo dos Deuses – Uma Introdução à Mitologia Nórdica*”, da Editora Cultrix.

As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção "Flocos de Neve", de Mônica Fonseca**, dedicada à Matriarca da Segunda Lunação: Mãe Guardiã da Sabedoria. Aquela que fala com o Povo das Pedras.

Flocos de Neve

O tempo é um presente
Com experiências
Honramos a vida!
Tantos sonhos, tantos seres,
Tantos amigos, tantos planos,
Como flocos de neve,
Como esculturas únicas,
Puras de vida e desejos,
Que se derretem ao sol,
Penetram na terra
Descendo assim ao fundo
Ao mais profundo fundo
Onde estão todas as respostas
No Universo não há segredos
Tudo está aqui e agora
No aqui e agora
Bem dentro de ti.



* Para saber mais sobre a Lenda das 13 Matriarcas, consulte o "Anuário da Grande Mãe" de Mirella Faur.

**O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Mergulhada na noite, você busca a compreensão do brilho das estrelas, da vastidão do infinito. São tantos os mistérios, filha! É tão ingênua a sua tentativa de abarcá-los com sua mente lógica...

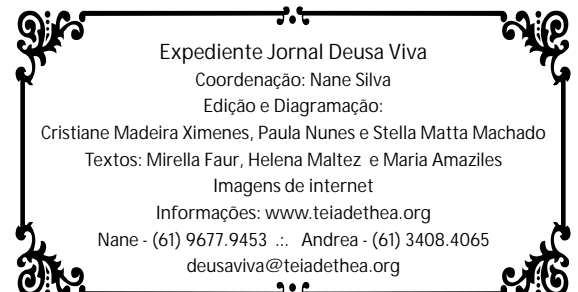
Vivendo em um tempo em que a capacidade de processar as informações é, muitas vezes, superestimada diante da profundidade do sentimento sua vida é acotada sob os ditames da praticidade, da absurda normalidade, como se fosse imperativo recuar antes de se abrir para os mistérios do mundo. Mas reconhecer que eles existem é parte da sua comunhão comigo, filha, embora sua alma menina ainda não os absorva ou compreenda.

Meu manto sobre seus sonhos vem trazer um jeito novo de ver: milagres não são afetados pela sua concepção de hierarquia, felizmente. O cordão prateado que liga você a mim também envolve as manqueiras, os oceanos, as joaninhas... atores da cena da vida, onde milagres e mistérios contracenam noite e dia!

Que sua capacidade de se maravilhar não se esgote no fast-food em que se transformou o seu cotidiano. Ao alvorecer, que você possa se surpreender com o milagre da vida recomeçando mais um ciclo e, tocada pelo mistério, você se alegre e acolha cada presente que o dia lhe oferecer.

Meu manto estará protegendo sua existência inteira, todas as suas relações. Em cada milagre, em cada mistério, em cada gesto de amor, uma lembrança de que sou sua Mãe. E que a confiança e a alegria de seu serviço sejam a sua oferenda a mim!

Em bênçãos de proteção,
Aquele que é.



Expediente Jornal Deusa Viva

Coordenação: Nane Silva

Edição e Diagramação:

Cristiane Madeira Ximenes, Paula Nunes e Stella Matta Machado

Textos: Mirella Faur, Helena Maltez e Maria Amaziles

Imagens de internet

Informações: www.teiadethea.org

Nane - (61) 9677.9453 .. Andrea - (61) 3408.4065

deusaviva@teiadethea.org